

CRISE DA MASCULINIDADE, EMERGÊNCIA DAS SUBJETIVIDADES E A PSICANÁLISE

LA CRISIS DE LA MASCULINIDAD,
LA EMERGENCIA DE LAS SUBJETIVIDADES
Y EL PSICOANÁLISIS

THE CRISIS OF MASCULINITY,
THE EMERGENCE OF SUBJECTIVITIES
AND PSYCHOANALYSIS

Marcelo Caon
Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre
ORCID: 0000-0002-3598-9539
Correio Electrónico: marcelo.caon1@gmail.com

Data de Recebimento: 15-05-2024
Data de Aceitação: 08-06-2024

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Caon M. (2024) CRISE DA MASCULINIDADE,
EMERGÊNCIA DAS SUBJETIVIDADES E A PSICANÁLISE
Intercambio Psicoanalítico 15 (1), DOI:doi.org/10.60139/InterPsic/14.2. 3/
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

CRISE DA MASCULINIDADE, EMERGÊNCIA DAS SUBJETIVIDADES E A PSICANÁLISE

Marcelo Caon¹

1 Psicanalista e Historiador. Possui graduação em História pela Universidade de Caxias do Sul-RS, Brasil, onde estudou, como trabalho de conclusão, a mentalidade e o imaginário da imigração italiana. É psicanalista formado pelo Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre CEPdePA. Também concluiu o curso de psicologia positiva pela PUC abordando as mentalidades contemporâneas. Ainda pela PUC - RS, realizou seu mestrado e doutorado na área de Sociedade, Ciência e Arte com tema Modernidade, Hipermodernidade na urbanização e patrimônio cultural. No doutorado, realizou pesquisa sobre a Hipermordernidade e seu efeito no mundo urbano e arquitetônico no Brasil e na Argentina. Também atuou como professor em diferentes níveis do ensino, desde o fundamental até o ensino superior. Atualmente trabalha como professor e atende como psicanalista em consultório clínico.

Resumo: O modelo que privilegiou determinado gênero na cultura moldou os traços do homem dito “tradicional”, traduzindo a invenção de determinada masculinidade, como as hierarquias patriarcas: a linguagem, a sexualidade, a família, a religião, a política e a sociedade. O resultado desse processo denominou-se “patriarcado”, um aparelho social em que homens sustentam o poder primário e se sobressaem em posições de comando político, autoridade moral, privilégio social e posse das propriedades. Em nossa contemporaneidade, pode-se dizer que isso afetou não apenas o corpo e o modelo de homem, mas o aparelhamento psíquico daqueles que destoavam do “normal” definido pelas instituições. Esse modelo passou a ser encarado como o “ideal” que estabeleceu ligação com o Ideal-de-Eu, conferindo certa “essência” ao modelo patriarcal, o que, por consequência, abriu novas questões para a Psicanálise, como “o que quer o Homem?” Porém, é possível pensar que atualmente, o patriarcado está em crise e que, a masculinidade, ato contínuo, também o acompanha. Assim, haveria algum papel para o ofício de uma Psicanálise implicada no século XXI? Que constituição psicanalítica pode dar resposta inicial na desconstrução do sofrimento que chega até a clínica?

Palavras-chave: psicanálise; patriarcado; masculinidade; sociedade.

Resumen: El modelo que ha privilegiado el género masculino en nuestra cultura forjó al hombre al que le decimos “tradicional”, creando, a partir de la invención de dicha masculinidad, las jerarquías patriarcales: el lenguaje, la sexualidad, la familia, la religión, la política y la sociedad. El resultado de ese proceso se denominó “patriarcado”, un aparato social en el que los hombres tienen el poder primario y se destacan en posiciones de liderazgo político, autoridad moral, privilegio social y en la posesión de propiedades. En nuestra contemporaneidad, se puede decir que eso ha afectado no solamente al cuerpo y al modelo de hombre, sino también al aparato psíquico de los que desviaban de lo “normal” que han definido las instituciones. Se empezó a encarar ese modelo como lo “ideal” que se conectó con el Ideal del Yo, confiriendo cierta “esencia” al modelo patriarcal, lo que, consecuentemente, trajo nuevas cuestiones al Psicoanálisis, como “¿Qué quiere el Hombre?”. Sin embargo, se puede pensar que, actualmente, el patriarcado se encuentra en crisis y que la masculinidad, acto continuo, también lo acompaña. De esa manera, ¿habrá algún rol para la realización de un Psicoanálisis implicado en el siglo XXI? ¿Qué constitución psicoanalítica nos puede dar una respuesta inicial en relación con la deconstrucción del sufrimiento que llega al consultorio?

Palabras clave: psicoanálisis; patriarcado; masculinidad; sociedad.

Abstract: The model that privileged a certain gender in culture shaped the traits of the so-called “traditional” man, translating the invention of a certain masculinity, such as patriarchal hierarchies: language, sexuality, family, religion, politics and society. The result of this process was called “patriarchy,” a social apparatus in which men sustain primary power and excel in positions of political command, moral authority, social privilege, and property ownership. In our contemporaneity, it can be said that this affected not only the body and the model of man, but also the psychic apparatus of those who clashed with the “normal” defined by the institutions. This model came to be seen as the “ideal” that established a connection with the Ideal-of-I, conferring a certain “essence” to the patriarchal model, which, consequently, opened new questions for Psychoanalysis, such as “what does Man want?” However, it is possible to think that patriarchy is currently in crisis and that masculinity also accompanies it. So, would there be any role for the craft of an implied psychoanalysis in the twenty-first century? What psychoanalytic constitution can provide an initial response in the deconstruction of suffering that reaches the clinic?

Keywords: psychoanalysis; patriarchy; masculinity; society.

1 EMANCIPAÇÃO E PATRIARCADO

Há muito tempo, os homens têm travado lutas contínuas com seus semelhantes em busca de emancipação. No entanto, a questão é que existem tipos distintos de emancipação, e alguns deles têm mantido o funcionamento patriarcal da sociedade. Diante desse cenário, qual seria o papel da psicanálise e da formação psicanalítica nesse contexto?

O modelo que privilegiou determinado gênero na cultura moldou os traços do homem dito “tradicional”. Isso significa dizer que o homem foi marcado pela “invenção de certa masculinidade, tal como as hierarquias patriarcais: a linguagem, a sexualidade, a família, a religião, a política e a sociedade” (Jablonka, 2021, p. 13). O resultado desse processo denominou-se “patriarcado” (Bola, 2020), um aparelho social em que homens sustentam o poder primário e se sobressaem em posições de comando político, autoridade moral, privilégio social e posse das propriedades. Esse modelo passou a ser encarado como o “ideal” em todos os segmentos sociais, levando a fraturas em seu psiquismo. Essas fraturas equivalem a desconsiderar a alteridade, outros modelos também possíveis de masculinidade, que são construídos no social e nada têm a ver com uma essência.

Em nossa contemporaneidade, pode-se dizer que isso afetou não apenas o corpo e o modelo de homem, mas também o aparelhamento mental daqueles que destoavam do “normal” definido pelas instituições. Porém, é possível pensar que atualmente, o patriarcado está em crise e a masculinidade, ato contínuo, por sua vez, também o acompanha.

2 O MASCULINO E A PSICANÁLISE

Na Modernidade, com a tentativa de produzir autonomia de pensamento e racionalidade, paradoxalmente mantiveram-se as raízes para a manutenção do patriarcado, aqui descrito como reino do indivíduo (homem cis-heteronormativo-branco-europeu-colonizador) e sustentando naquilo que Gilberto Dupas (2012) denominou, com base na primazia da ciência e da técnica, de “ideologia do progresso”. A história da Modernidade se imbricaria, então, com o dispositivo freudiano na formação do narcisismo.

A psicanálise, erigida por Freud¹, ocupa, nessa virada, um lugar de escuta. Seu nascimento é contemporâneo ao surgimento do “novo homem” (indivíduo cis-branco-heteronormativo-colonizador), que só apareceu com o desenvolvimento da própria economia capitalista e com a sua exigência de controle dos corpos, mentes e desejos, como ponderou Garcia-Roza (1985).

De acordo com a psicanálise, o narcisismo, por estar presente desde os primeiros anos da infância, pode ocasionar certa desordem libidinal. Sendo ele um predicado natural dos indivíduos, está francamente associado ao desenvolvimento da libido. Entretanto, o narcisismo pode se transformar num quadro patológico quando se torna excessivo, decompondo os comportamentos dos indivíduos em relação às culturas e prejudicando seu relacionamento interpessoal. A partir disso, Freud formula questionamentos válidos para pensar nosso tempo, destacando que o conceito de narcisismo se configura como uma etapa constitutiva do sujeito, bem como um estado patológico, em que a libido não é (ou pouco é) investida no objeto. Neste momento, o mundo externo não é investido com empenho e é indiferente à satisfação, visto que neste período o Eu coincide com o que é prazeroso, e o mundo externo com o que é indiferente. Essa compreensão está no texto “Sobre o narcisismo” (Freud, 1915).

1 Em 1905, no texto “Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud descreve a bissexualidade psíquica, em que reconhece que tanto homens quanto mulheres possuem marcas masculinas e femininas. Assim, em 1915, Freud acrescenta que o masculino e o feminino podem ser pensados em três sentidos: como ligados à atividade e à passividade, no sentido biológico e no sociológico.

As variações das concepções tradicionais da sociedade — que tiveram seu ápice nos séculos XIX e XX, em razão da explosão das ciências, com a noção ocidental de liberdade do indivíduo-homem e a intensificação da transformação tecnológica — foram se entrelaçando a certa postura narcísica. Talvez, por isso, a subjetivação no mundo contemporâneo remeta à negação de determinados elementos “externos” ao indivíduo, resultando no homem branco-cis-heteronormativo-colonizador feito alegoria da masculinidade tóxica. Nesse contexto, o covarde, o impotente, o frouxo e o pusilânime são elementos de desprezo e, portanto, como o absurdo, devem ser descartados. Desse modo, nunca se coloca em risco a imagem do que Alain Corbin (2013, p. 23) chamou de “fodedor hercúleo”, numa representação da virilidade como elemento da masculinidade. No âmbito da cultura, convencionam-se novos pontos de partida para investigações e interpretações, sejam elas históricas ou psicanalíticas, sobretudo na conexão entre o narcísico e o patriarcado (e seu efeito na alteridade). Esse é um possível ponto de partida para a formação em psicanálise.

3 MAL-ESTAR NA MODERNIDADE

Alguma coisa paralela (mal-estar?), subsistia à representação do homem viril como combinação de algazarra, repressão de lágrimas, punição, violência e resistência aos maus-tratos. Não se tratava mais da lepra, mas da loucura: a vadiagem, as aberrações sexuais e as dissonâncias, em oposição à razão moderna e a seus limites, poderiam colocar em risco a “sociedade do progresso”.

Tal questionamento possibilita que nos reconheçamos nesse contexto, inclusive para lançar críticas e dúvidas sobre a construção desse ideal de “homem” (indivíduo cis-branco-heteronormativo). Na esteira desse ideal, firmou-se a permanente deslegitimização da produção intelectual das mulheres, da comunidade negra e do grupo LGBTQIA+ (também representado na expressão dos estudos *queer*). O objetivo aqui é refletir sobre o papel de um psicanalista (neste caso, em formação) numa escuta que, como indica Spivak (2010, p. 17), possibilite “trabalhar contra a subalternidade, criando espaços nos quais o subalterno (segundo nós, O Patriarcado) possa se articular e, como consequência, também possa ser ouvido, numa experiência real de existência”.

Na atualidade, observamos uma crise narcísica, fruto da derrocada de um certo modelo padronizado considerado “civilizatório”, no qual se associava um dispositivo discursivo de produtividade e regulação, buscando evitar as contradições visíveis.

Neste sentido, surgem novas possibilidade de subjetivação humana, bem como uma indicação de que podem existir outros tipos de masculinidades. Se num primeiro momento, a psicanálise se aproximou do sofrimento da mulher, e naquele contexto pressupunha-se que o homem não enfrentava as mesmas mazelas, isso hoje mudou. Ainda, ao se constituírem em sua subjetividade, os demais grupos (mulheres brancas,

mulheres negras, homens negros, populações periféricas, movimento LGBTQIA+ etc.) também teriam novos sentidos, distintos do “não ser medida de nada, não ser referência de nada, valer menos, ser inferior, ser subordinada, ser propriedade, ser objeto, ser oprimida, ser abjeto, sofrer violência, ser assassinada” (Porchat, 2020, p. 14).

Percebe-se que a atenção dada pelo homem à mulher serviu à estratégia imperceptível de não ter que pensar em si: “toda elaboração sobre a sexualidade feminina seria um recurso utilizado pelos homens para não terem que enfrentar a construção de sua própria sexualidade e, mais ainda, para manter o discurso androcêntrico dominante” (Ceccarelli, 2013, p. 83). Como resultado da tentativa de manter o padrão como ideal, como nos mostra Porchat (2020, p. 16), intensificaram-se outras formas de opressão de homens negros, homens gays e homens considerados em suas interseccionalidades. Porém, é importante notar que essa é uma questão em aberto, relacionada a uma crítica sobre a figura do homem (indivíduo cis-branco-heteronormativo). O universal passa a ser interrogado.

4 REVENDO A NORMA E SEU IDEAL

Em sua obra *Tornar-se negro*, Neusa Santos Souza (2021) nos convida a refletir sobre um lugar que não é o do patriarcado do homem cis-branco-heteronormativo-colonizador. A psicanalista emprega uma chave de análise que pode ser utilizada para os grupos citados — o negro, o homem branco, a mulher, o queer (LGBTQIA+) —, já que se trata de uma dupla imposição: a de encarnar o corpo e os ideais do ego do sujeito homem branco-cis-heteronormativo-colonizador (enfim, do modelo patriarcal) ao mesmo tempo que se abdica, nega e extingue a presença do corpo negro, o desejo da mulher e a aspiração da comunidade LGBTQIA+ em favor de um “normal”.

O patriarcalismo cis, heteronormativo, branco e colonizador se destaca na tendência de aniquilar a identidade dos negros, dos LGBTQIA+ e das mulheres que não seguem as normas responsáveis por sustentar a dominação masculina e a idealização do homem branco como “comum”.

Assim, aquele indivíduo que ainda não atravessou o processo de desconstrução mantém-se na internalização forçosa e violenta de um ideal de ego branco, cis, patriarcal e heteronormativo, obrigando-se a estabelecer para si uma concepção inconciliável com as propriedades biológicas do seu corpo, com suas ideias e seus desejos. Para Jurandir Freire Costa (2021, p. 25), que prefacia a obra de Neusa Santos Souza, “entre o ego e seu ideal cria-se, então, um fosso que o sujeito negro tenta transpor às custas de sua possibilidade de felicidade, quando não de seu equilíbrio psíquico”.

Utilizando essa chave de análise, seria possível incluir aqui o negro, a mulher e o sujeito LGBTQIA+. Ainda que não se trate de uma tentativa de universalizar os três grupos em uma mesma categoria de sofrimento, tentamos chamar a atenção para o fato de que há sofrimento e de que cada um sofre à sua maneira.

Aproveitando esse mesmo raciocínio, sugerimos aqui que o sujeito branco-cis-heteronormativo reforçará os mitos se mantendo na perspectiva de “engaiolar-se”, numa negação de sua subjetividade, já que “homens brancos, machos” não podem chorar, sofrer, se entristecer ou deixar de usar a violência como afirmação do que supostamente são. Mesmo que isso não coloque os homens com identidade, desejo sexual e genitália tradicionais num lugar de maior sofrimento do que o dos negros, mulheres e homossexuais, eles sofrerão por terem de obrigatoriamente ocupar um lugar exclusivo. Para além disso, esse lugar os concluirá a produzir para o outro (que não se parece com eles) normas, sofrimentos e apagamento de subjetividades. Ao fim e ao cabo, todos sofrem. Cabe aos psicanalistas terem isso em mente.

O movimento proposto aqui é refletir sobre como o ideal de ego do homem branco-cis-heteronormativo-colonizador-patriarcal se ajusta aos códigos específicos das identificações normativas ou estruturantes. Elas, então, admitiriam que o sujeito superasse a fase inicial do desenvolvimento psíquico, em que “o perfil de sua identidade é desenhado a partir de uma dupla perspectiva: 1) a perspectiva do olhar e do desejo do agente que ocupa a função materna e 2) a perspectiva da imagem corporal produzida pelo imaturo aparelho perceptivo da criança” (Santos, 2021, p. 26).

Na fase narcísica da constituição da identidade do sujeito, tem-se um tipo de dinâmica mental que integra, preside e estabelece. Dessa maneira, são apresentados ao indivíduo o que é permitido, proibido e prescrito, com o objetivo de garantir, ao mesmo tempo, o direito à vivência como ser psíquico autônomo e o direito à experiência de grupo numa comunidade histórico-social. Costa (2021) segue afirmado que as assimilações da norma estrutural (proposta por pais e filhos) consistem na interposição indispensável entre o sujeito e a cultura. Essas mediações se realizam pela via das afinidades físico-emocionais gestadas na família e pela via dos significados linguísticos que a cultura oferece aos sujeitos. Apresentando a tese de Neusa Santos Souza, Jurandir Freire Costa (2021, p. 47) assevera:

O ideal de ego é um produto da decantação dessas experiências. Produto formado a partir de imagens e palavras, representações e afetos que circulam incessantemente entre a criança e o adulto, entre o sujeito e a cultura. Sua função, no caso ideal, é a de favorecer o surgimento de uma identidade do sujeito, compatível com o investimento erótico de seu corpo e de seu pensamento, via indispensável à sua relação harmoniosa com os outros e com o mundo.

Para o sujeito negro (ao qual arriscaríamos somar a mulher e o homossexual), a possibilidade de harmonia entre corpo, pensamento e mundo é negada. A Modernidade e o indivíduo não dispuseram de outro modelo ao reafirmar a domesticação patriarcal da ideia de homem pela via de uma masculinidade tóxica, atando a branquitude, o císgênero, a heteronormatividade e o colonialismo no modelo de ideal de ego oferecido (absorvido de formas díspares por cada indivíduo do grupo). Não se rompe esse modelo nas revoluções dos séculos XIX e XX, e a antiga ambição narcísico-imaginária continua sendo distinta de um modelo humano de experiência psíquica concreta, histórica e, consequentemente, realizável ou atingível. “À mesa” sempre está “servido” o modelo de “identificação normativo-estruturante” com o qual o indivíduo se depara; tal modelo é o de um fetiche: o fetiche do branco, da heteronormatividade, do patriarcado: o pacto da branquitude (Bento, 2022, p. 27). Ainda seria possível incluir aqui o pacto da branquitude cis-heteronormativa-patriarcal.

5 E A PSICANÁLISE?

Olhar-se no espelho estaria além das possibilidades do homem? Refletindo mais: estaria ele olhando para o espelho sem perceber que se trata de uma fina camada d’água, assim como na lenda de Narciso? Se Freud respondeu às demandas do seu tempo com o avesso da civilização (com a psicanálise), não seria relevante que a psicanálise atual se mantivesse freudiana e, portanto, atenta às questões do nosso tempo?

Este ensaio busca uma abertura a novas possibilidades discursivas e, ao mesmo tempo, consiste numa troca sobre as origens desse patriarcado e sobre seu colapso diante das novas maneiras de o sujeito se perceber. Contudo, não nos esquecemos de que, enquanto psicanalistas, podemos, independentemente de nosso gênero, agir de acordo com a cultura patriarcal (que resiste em cada um de nós).

Rafael Cossi cita a convocação feita por Paul Preciado na 49ª Jornada da Escola da Causa Freudiana, sob o título “Mulheres na psicanálise”:

Vocês organizam um encontro para falar das mulheres na psicanálise em 2019 como se ainda estivéssemos em 1917 — ou seja, mulher-problema... Seria preciso sim organizar um encontro sobre homens brancos heterossexuais e burgueses na psicanálise. A maioria dos discursos políticos gira em torno do poder discursivo e político desse animal necropolítico que vocês tendem a confundir com o humano universal (Preciado, 2019² apud Cossi, 2020).

² PRECIADO, P. *apud* COSSI, R.

Masculinidade e parentalidade. In:

TEPERMAN, D.; GARRAFA, T.; IACONELLI, V.

(org.). **Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica,

2020. p. 33-48.

Essa provocação demonstra que, por vezes, não voltamos o olhar àquele que dita, conduz, persegue, encarcela, nomeia, mata: esse sujeito nunca é problematizado; ao contrário: é o ideal preservado. Logo, uma leitura sobre essas mudanças pode produzir novos modos de o psicanalista dirigir as análises de seus pacientes, independentemente da orientação sexual, das escolhas ou da estrutura clínica. Se “o preconceito é o mortificador do Sujeito” (Jorge; Quinet, 2020, p. 14), reduzir o sujeito a uma característica específica, seja sua sexualidade, sua anatomia ou sua cor de pele, só serve ao patriarcado, que, na sequência, promove a exclusão. Por último, é preciso ajuizar aquilo que Neusa Santos Souza (2021) baliza como as funções dos aparatos ideológicos, os quais (junto a outros fatores) determinam um mundo de significados com impacto na estrutura psíquica, o que resulta em uma ideologia internalizada. “A ideologia aqui é entendida como um sistema de representações, fortemente carregadas de afetos, que se manifestam na subjetividade consciente como vivências, ideias ou imagens e, no comportamento objetivo, como atitudes, condutas e discursos” (Souza, 2021, p. 113).

Embora a autora trate do desejo daquele que projeta um futuro “identificatório” antagônico à realidade do corpo e à sua história étnica, pode-se aqui pensar em que medida o paradigma patriarcal não gera a mesma desvalorização sistemática dos atributos dos demais sujeitos e de seus corpos, bem como em que medida isso não molda os psicanalistas, pois estão inseridos na cultura e na civilização. Refletir sobre as contradições que aprisionam o sujeito a uma determinação ideal é também a possibilidade de as desfazer. A isto propõe-se a psicanálise: desmanchar os nós que compõem o patriarcado.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z.; DONSKIS, L. Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- BENTO, C. O pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BERMAN, M. Tudo que é sólido desmacha no ar. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BOLA, J. J. Seja homem: a masculinidade desmascarada. Porto Alegre: Dublinense, 2020.
- BRAUDEL, F. Civilização material, economia e capitalismo. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- CABANAS, E. Happycracia: fabricando cidadãos felizes. São Paulo: Ubu, 2022.
- CALLIGARIS, C. Todos os reis estão nus. São Paulo: Três Estrelas, 2013.
- CARDOSO, V. S. et al. Narcisismo na contemporaneidade: caracterização e desafios da prática clínica. Psicologado, v. 2, 2019. Disponível em: <https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-clinica/narcisismo-na-contemporaneidade-caracterizacao-e-desafios-da-pratica-clinica>. Acesso em: 9 abr. 2022.
- CARVALHO, P. R. Tédio: o cansaço do viver. Londrina: Eduel, 2015.
- CECCARELLI, P. R. Reflexões sobre a sexualidade masculina. Reverso, n. 66, p. 83-92, 2013.
- CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. (História da Virilidade, 2).
- COSSI, R. Masculinidade e parentalidade. In: TEPEMAN, D.; GARRAFA, T.; IACONELLI, V. (org.). Gênero. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 33-48.
- COSTA, J. F. Da cor ao corpo: a violência do racismo. In: SOUZA, N. S. Tornar-se negro: ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. p. 23-44.
- DUNKER, C. I. L. Lacan e a democracia: clínica e crítica em tempos sombrios. São Paulo: Boitempo, 2022.
- DUNKER, C. I. L. Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros. São Paulo: Boitempo, 2015.
- DUPAS, G. O mito do progresso ou o progresso como ideologia. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- FAUSTINO, D. Frantz Fanon e as encruzilhadas: teoria, política e subjetividade, um guia para compreender Fanon. São Paulo: Ubu, 2022.
- FERENCZI, S. (1931). Análises de crianças com adultos. In: FERENCZI, S. Obras completas: Psicanálise IV. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 79-84.
- FOUCAULT, M. História da loucura na Idade Clássica. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- FREUD, S. (1914). Introdução ao narcisismo. In: FREUD, S. Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-50. (Obras completas, 12).
- GARCIA-ROZA, L. A. Freud e o inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- HABERMAS, J. O discurso filosófico da Modernidade. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- HOMEM, M. Sobre ressentimento. In: KEHL, M. Ressentimento. São Paulo: Boitempo, 2020. orelha do livro.
- IANNINI, G. (org.). Caro Dr. Freud: respostas do século XXI a uma carta sobre homossexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- JABLONKA, I. Homens justos: do patriarcado às novas masculinidades. São Paulo: Todavia, 2021.
- JORGE, M. A. C. Transexualidade – o corpo entre o sujeito e a ciência: trilogia sobre sexualidade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- JORGE, M. A. C.; QUINET, A. (org.). As homossexualidades na psicanálise: na história da despatologização. Rio de Janeiro: Atos e Divás Edições, 2020.
- KERR, J. Um método muito perigoso: Jung, Freud e Sabina. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- LINS, B. A. Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola. São Paulo: Reviravolta, 2016.
- PORCHAT, P. Transmitindo questões de gênero. In: TEPEMAN, D.; GARRAFA, T.; IACONELLI, V. (org.). Gênero. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 13-24.
- RECALCATI, M. Não é mais como antes: elogio do perdão na vida amorosa. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- RIBEIRO, D. Lugar de fala. São Paulo: Sueli Carneiro: Pôlen, 2019.
- ROLNIK, S. Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- ROUDINESCO, E. As primeiras mulheres psicanalistas. Fronteiras do Pensamento, maio 2016. Disponível em: <https://www.fronteiras.com.br/exibir/as-primeiras-mulheres-psicanalistas>. Acesso em: 5 jul. 2022.
- ROUDINESCO, E. Por que a psicanálise? Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- SAFATLE, V. Maneiras de transformar mundos: Lacan, política e emancipação. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. I. L. Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- SCHUCMAN, L. V. Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. São Paulo: Vêneta, 2020.
- SOUZA, N. S. Tornar-se negro: ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- SPIVAK, G. C. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- TREVISAN, J. S. Seis balas num buraco só: a crise do masculino. Rio de Janeiro: Objetiva, 2021.
- ULLRICH, A.; ROCHA, G. A. A era do narcisismo: condutas narcísicas na sociedade contemporânea. Cadernos da Fucamp, v. 18, n. 36, p. 35-50, 2019.